This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

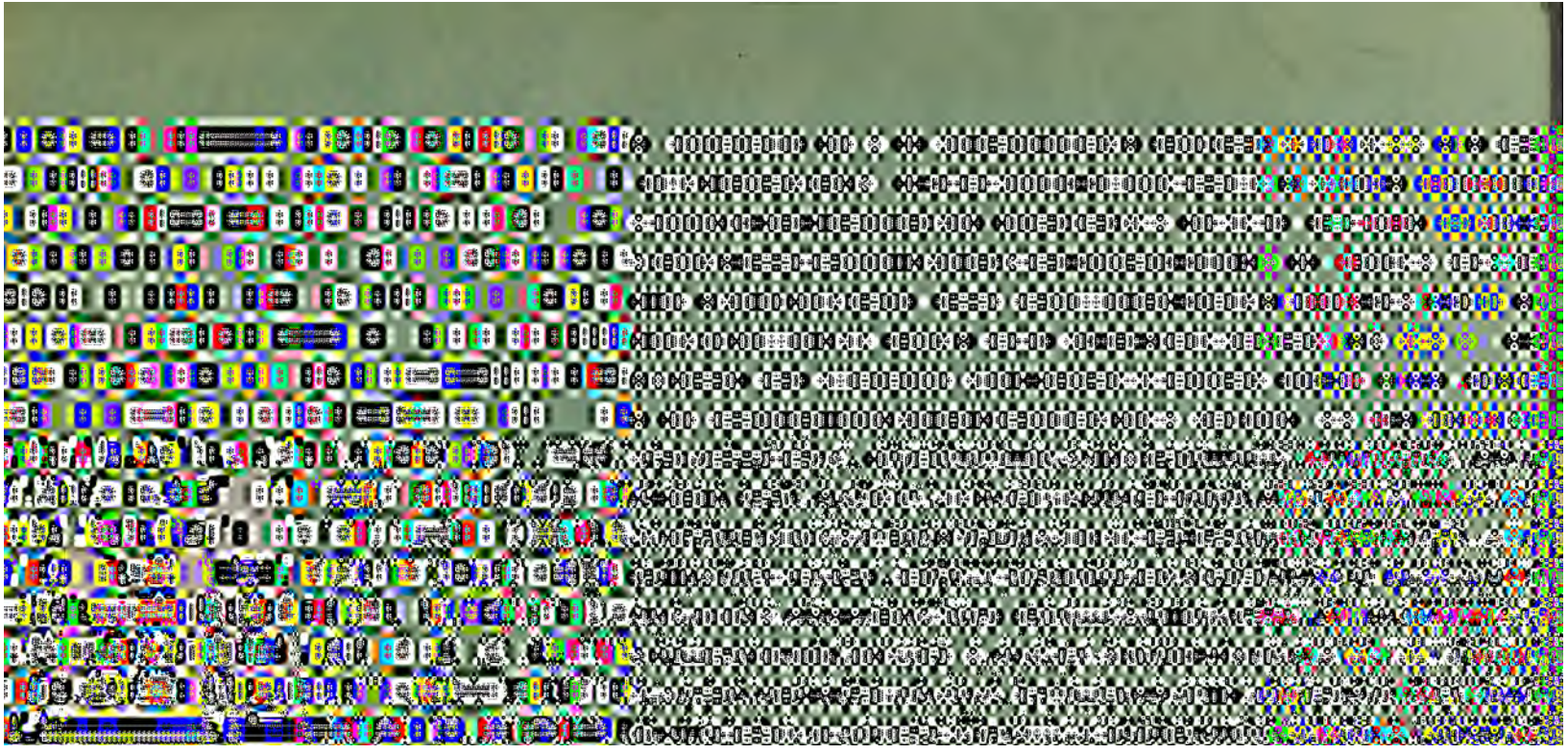
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

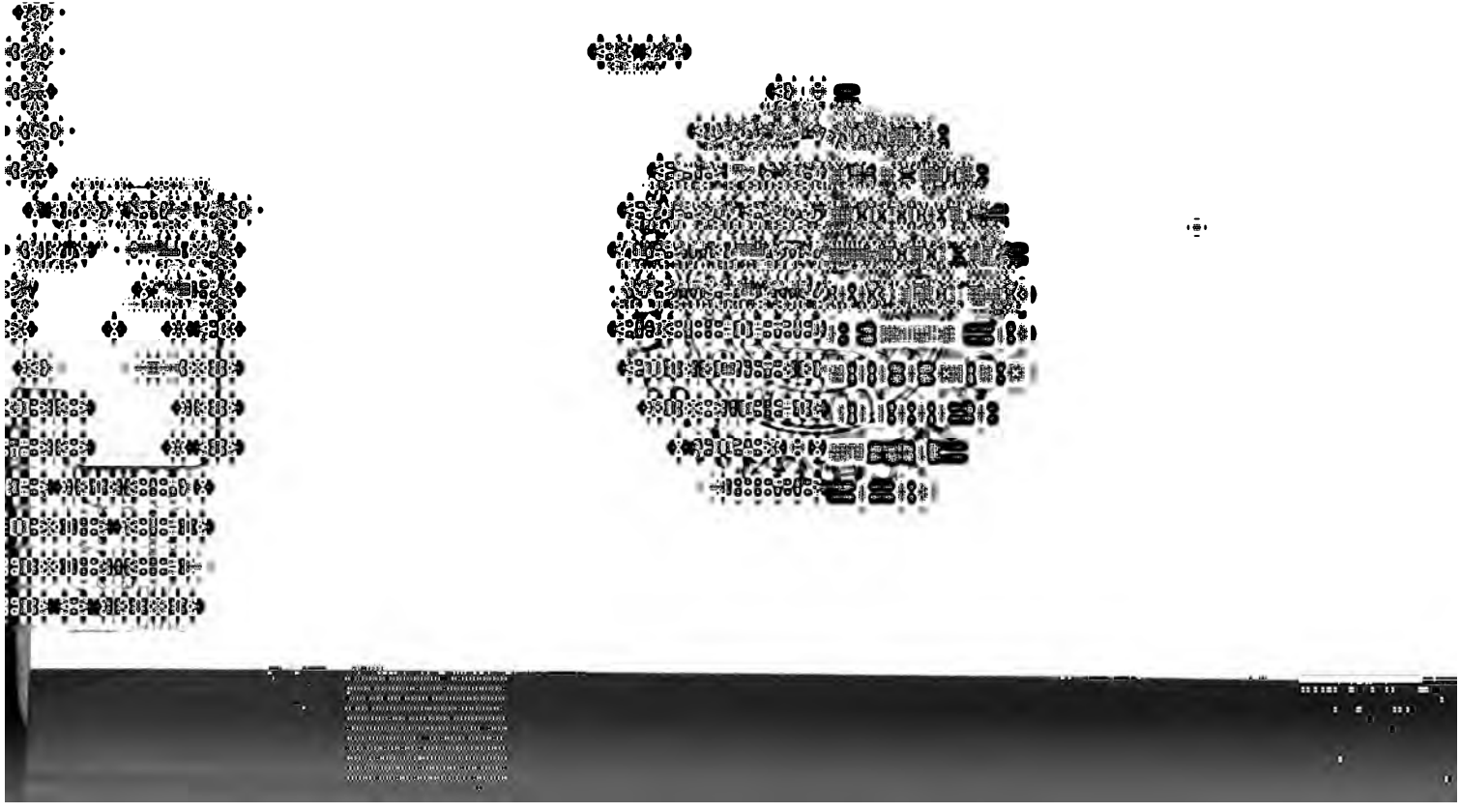
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`





UNIVERSITY OF MICHIGAN

JOÃO BELARD DA FONSECA

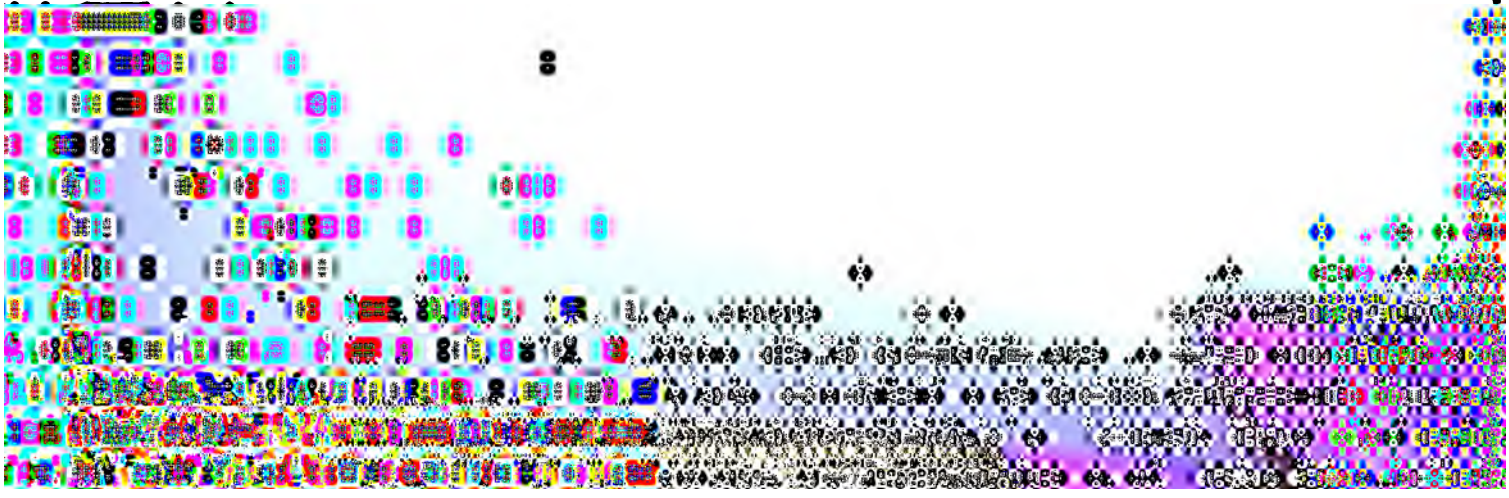
AZUL

(Com um prefacio em verso de GOMES LEAL)

PORTO
TYP. DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA
178, Rua de D. Pedro, 184
1903

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

OF MICHIGAN



UNIVERSITY OF MICHIGAN

JOÃO BELARD DA FONSECA

AZUL

(Com um prefacio em verso de ***GOMES LEAL****)*

PORTO
TYP. DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA
178, Rua de D. Pedro, 184

1903

OF MICHIGAN

OF MICHIGAN

III

véo cinério,
nevoeiro,
matreiro,
bo e sério...

quellas,
chótes,
otes,
élas.

rrindo,
fadas,
das
lindo...

ko —
nicho,

UNIVERSITY OF MICHIGAN

VII

De espingarda em bandoleira,
presa a lyra a tiracólo,
lá vaes, como Claudio Frollo,
preso á *cigana* frécheira.

VIII

Sorri-te uma vez Thalía,
mostrando um fio de pérolas,
e eis lá váes, nas ondas cérulas,
ao Cairo, á China, á Turquia...

IX

a toda a parte que banha
do Sonho a lua triforme:
quér chore a Marion-Delorme,
quér se escute a *malagueña*...

X

onde hajam risos, manólas,
quer sejam Deusas ou Músas,
que saibam de semifusas,
e bailem, com castanhólas...

do

iga,

ceis,

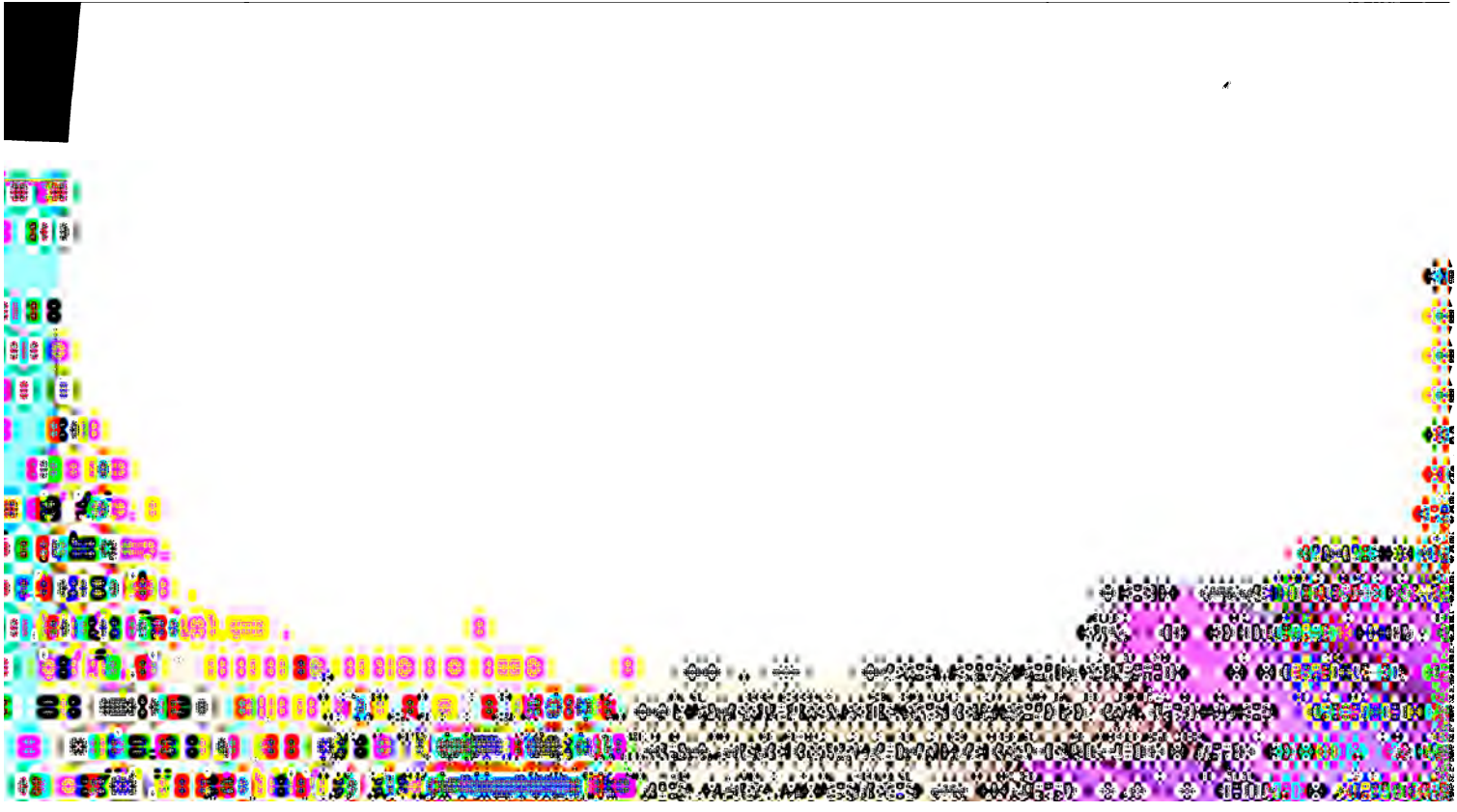
ro.

UNIVERSITY OF MICHIGAN

XV

Rí, pois, dos lobos e os cães,
agora que és cá dos *nossos*.
—Venham de lá esses ossos.
Cáro Belard — parabens.

GOMES LEAL.



OF MICHIGAN

É n'esse somno immaculádo e santo,
que lhe esvoaçam a êsmo... como canto,
todo neblina e dôr,
dorídos ais do filho sobre as agoas,
acenando-lhe o adeus feito de mágoas,
caminho do Equador.

Da montanha da Vida, em revoáda,
pouco a pouco se esváe a passarada
na alba rósea a cantar...
assim tambem, Deusa da Primavera!
junto de Ti tambem cantar quizera,
n'um fio de luar!...

Não rias. — Meu desejo é santo e casto.
Olha o céo... esse céo concavo e vasto,
que d'estrellas contem!
Alí eu cuido, em seu fulgir incerto,
vêr teus olhos leaes, teus olhos perto...
mais do meu peito... ó Mãe!

OF MICHIGAN

Brindo ao murmurio dos ventos
na cathedral da floresta.
Brindo aos aéreos lamentos...
que traduzem sentimentos,
n'aquelles vagos momentos
em que a tristeza molésta.
Brindo ao murmurio dos ventos
na cathedral da floresta!

Brindo ao mar que, em serenáta,
entôa doida canção,
e, como um disco de prata,
manso a circunda e retrata
n'uma mystica sonáta,
ao sabôr da viração!
Brindo ao mar, que em serenata,
entôa doida canção.

Brindo a tudo quanto encerra
o Éden do Equador.
Brindo, pois, á minha Terra,
e mais aos lyrios da serra,
a tudo quanto descerra
meu flébil canto d'amor...
Brindo a tudo quanto encerra
o Éden do Equador!

OF MICHIGAN

Y OF MICHIGAN

Amor canção inspirada
da lyra do trovador,
amor estóla invioláda
da Santa Mãe do Senhor...

amor é onda que váe,
amor é onda que vem,
orvalho que um dia cáe,
ou fogo que um deos contem...

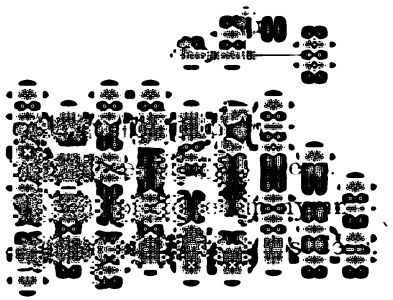
É dos teus olhos de fada,
d'esses olhos verde-mar,
a luz da minha Alvorada,
a luz que me anda a amimar...

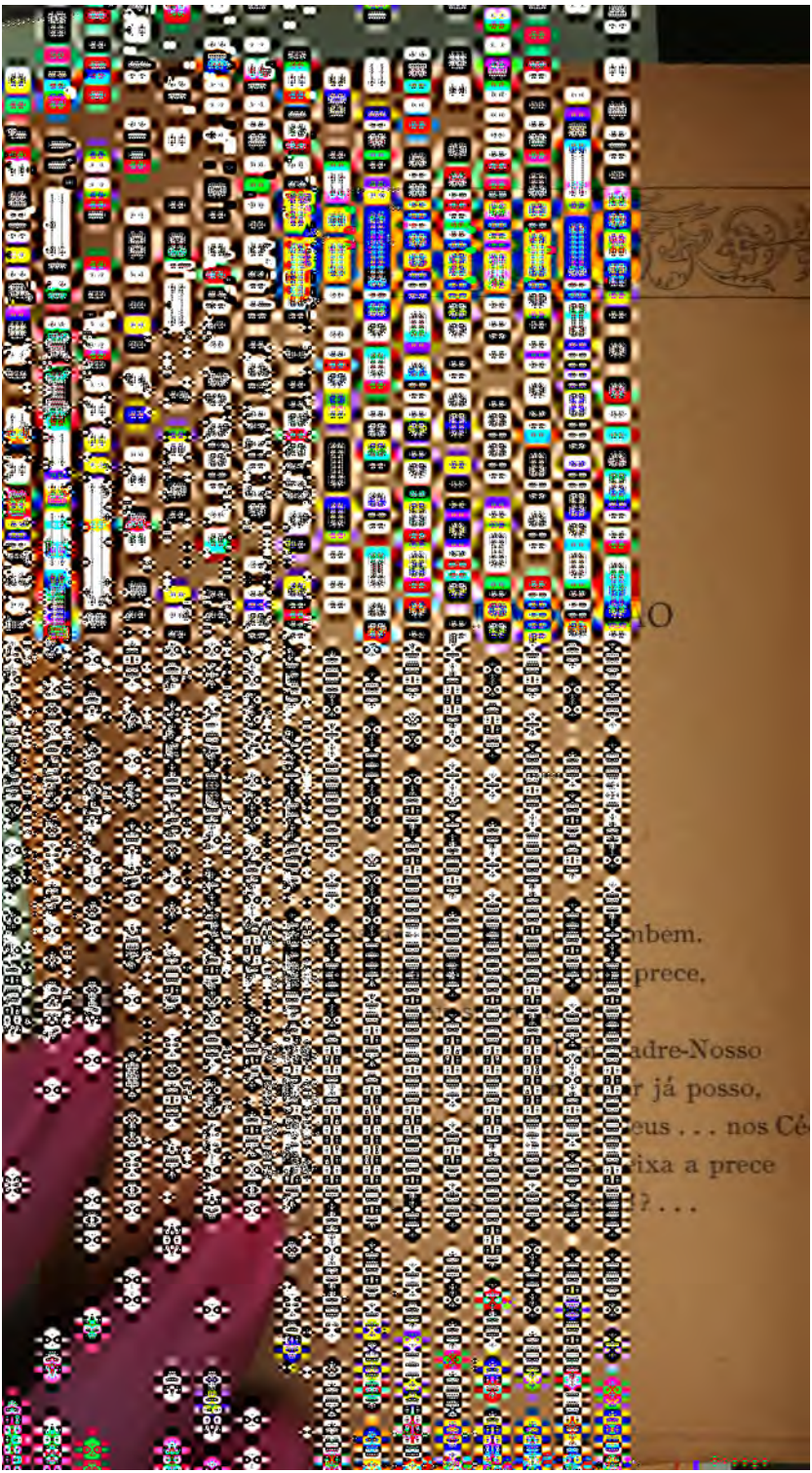
Mas essa luz foi-se quando,
n'essa manhã dolorosa,
fallecia o nosso Armando,
como falléce uma rosa...

As estrellas prateadas,
ao vêl-o morrer assim,
pareciam enfiádas
de uma tal agrúra assim...

. . . . . .

OF MICHIGAN



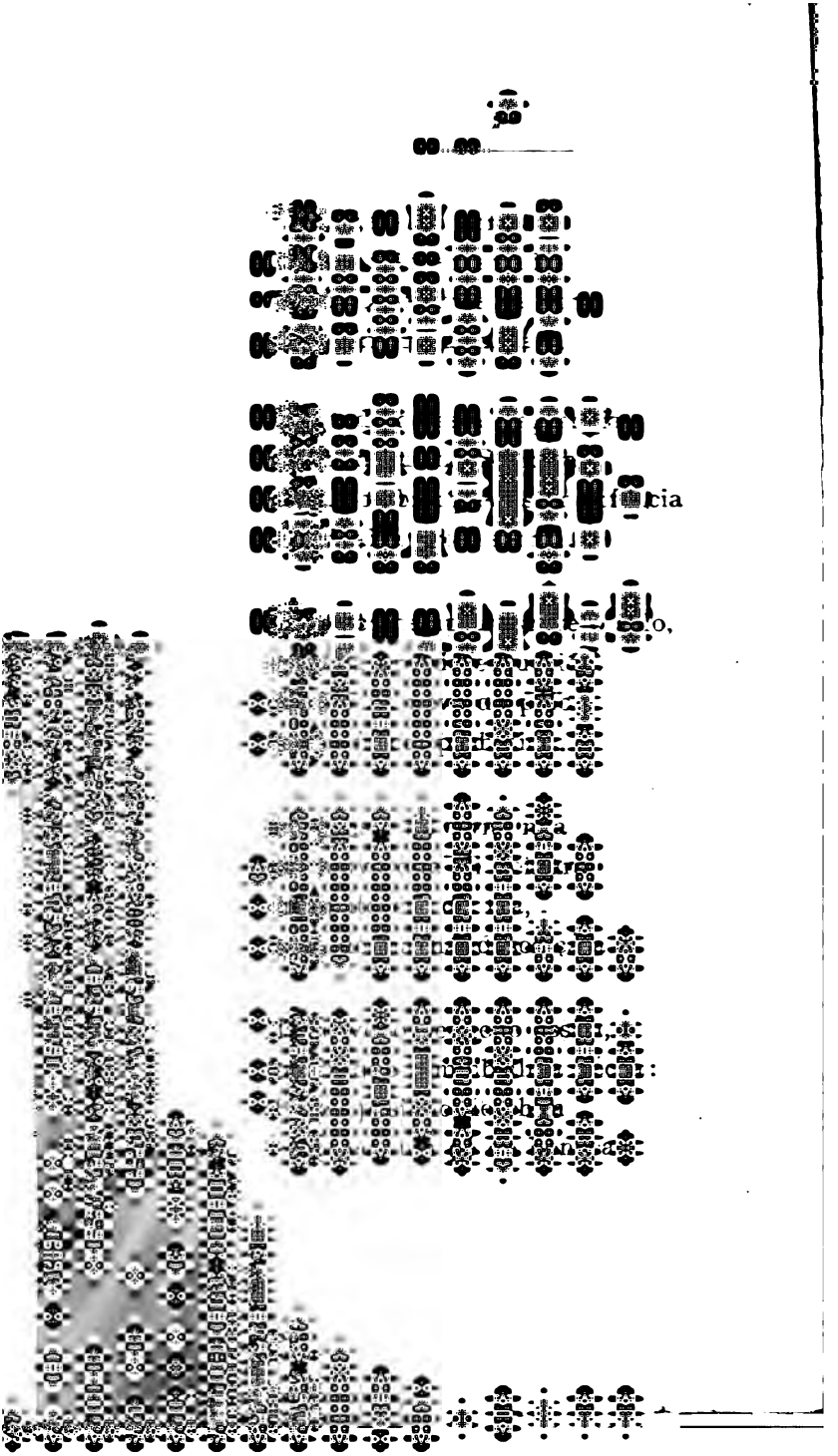


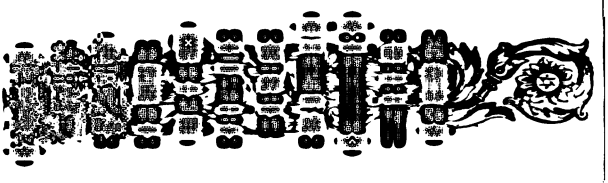
OF MICHIGAN

Aos effluvios que exhálam, docemente,
os labios carminados de Suzanna,
cresce em meu peito a tentação ardente...

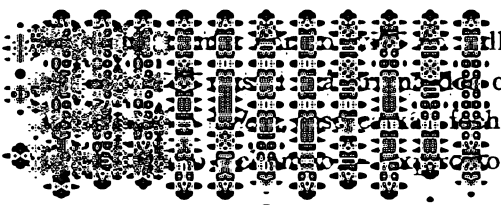
E, entre as rendas da côr da espuma fria,
sobre as pomas divinas da sultana,
um beijo fui depôr... Como eu tremia!...

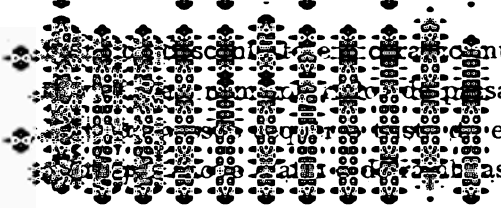
OF MICHIGAN





MEU FILHO





; debalde rebúsco um solitario abrigo.
)ebalde o bronzeo céo humildemente implóro.
›ómente, á noite, a Dôr vem conversar commigo.

Minha alma é um mausoléo ou um funéreo tóro,
›nde escúto o roáz verme do meu jazigo,
– e o frio gotejar das lagrimas que chóro...

DE CARVALE

Maria, ai! peregrino,
no Egypto, branca açucena,
leváste, como uma penna,
sobre o teu collo o *bambino*.

Rosa casta e invioláda
dos vergeis de Jericó,
vára florida e enfloráda,
como o bordão de Jacob.

Ó Mãe de Jesus querido!
Sára, Rachel, ou Agár
nenhuma póde chegar
á ouréla do teu vestido...

roçar, de leve que seja,
argenteo lyrio entre espinhos,
no teu manto. Elle proteja
sempre os tristes e os rotinhos!

És a nuvem do Carmélo,
prismatica e transparente
que Elias n'um sonho bello
viu com seus olhos de crente.

Ah quando tu foste ao Templo,
tendo no rosto o aureo brilho,
como sorrias ao filho,
que seria a Lei e o Exemplo!

Quando Simeão prof'riu
a profecia tremenda,
de branco como uma renda
o teu rosto se tingiu...

Sob'rana excelsa! — Sentada
em aureo throno fulgente,
de luzeiros mil rodeada,
e de astros, eternamente ...

são tuas servas, Rainhas,
e tens o céo por docel.
Corôa? — As Salvè-Rainhas,

e, por pagem, por donzel,
dos archanjos o mais bello,
o anjo S. Gabriel
— lindo como teu cabello.

Fluctúa o manto sagrado,
por sobre os reinos fluctúa...
e um lyrio branco, nevado...

pequenino, immaculado,
á luz sem nuvens e nua
da branca, virginea lua...
sobre ella oscilla, poisado.

Bemdito seja o teu nome.
E a gloria que te allumía
engrinalde o teu renome,
Arco-iris de Samaria! [1]

[1] Maria, sendo Mãe do Rabbi de Nazareth, que tanto se exemou em levantar os Samaritanos, parece ser realmente como que Arco de Alliança mystico.

dos pardaes

edraes,

antigas,

O boi, ha muito, abandonou a nóra.
Na máta o insecto a viração deplóra...
e o dia que findou.
E o campanario lugubre, ao poente,
chóra a morte infeliz d'uma innocente...
E uma mãe soluçou.

MINHA TERRA

S. Thomé, ilha d'amores!
meu açafate de flores!
pequeno e patrio jardim...
recordam-me os teus palmares
onde as aves, aos milhares,
trinam gorgeios sem fim.

Feliz de mim se podéra
quandò acórre a Primavera,
saudar-te gracil sereia...
entre as folhas das mangueiras,
e as palmas das bananeiras,
—em noites de lua cheia!

Vêr as róças e as cubátas,
vêr as languidas mulatas
d'essa terra onde eu nasci...
e ouvir a quéda das aguas
chorando das mesmas maguas,
— que tanto péno por ti!...

Vêr, pelas veigas de Abril,
o teu céo de puro anil,
á sombra do teu bambú.
Dormir a sésta na rêde
e matar o ardor da sêde
no súco do aureo cajú!

Vêr as arvores gigantes,
onde as heras, como amantes,
se prendem como ao cipó.
Vêr reinos de violetas,
e dormir, como os poetas,
ao descantar do *Ossobô!*

Á noite, quando o luar
chove prata sobre o mar,
que cerca este Éden d'amor...
dorme, na senzála, a escrava,
e na matta a serpe brava,
silva... e a noite enche de horror.

Minha terra tens encantos,
que se transformam em prantos
p'ra quem de ti longe está...
Oh! que bellezas que encerra
a minha saudosa terra...
— Mais gracil que ella não há!

Y OF MICHIGAN

Que mundo de prazer, esculptural sultana,
onde o amor impera e d'onde o goso imana!...

Ella osculou-me a bocca. Ébrios d'amor, os dois
os labios meus aos d'ella unidos e... depois...
. . . . . .
. . . . . .
Surgiu a madrugada. Era já nado o sol.
Tu garganteaste então — gémea do rouxinol.

Y OF MICHIGAN

Dentro em pouco, talvez, toda essa carne, pura
como a Venus de Milo ou divinal houri,
prodigio de belleza, auroreal candura,
— profanada será do brutal bisturí.

Mas, quando a noite desça... e a negra borboleta...
adejar, osculando a flôr virginea e mansa,
dormirá sobre a valla a angelical creança
— tendo no labio em flôr o beijo de Julieta!

NO ALBUM DA EX.ma SN.ra ***

Se eu fosse vate Senhora
que prazer oh! não teria...
Sendo a minha Músa loura
que poema não faria!

Quantas estróphes sentidas,
Élos de beijos e rosas!...
ligando gemmas cahidas
das Vias Lacteas chorosas.

SANTA NATURA

Teus olhos que reflectem a estiágem
dos olhos meus apaixonados, crentes,
têem os vagos oásis da paysagem
e a ardencia de um sol q'inda não sentes!...

Teus labios balbuciam innocentes...
No setineo marfim da tua imagem
destáca a purpúra d'essas rosas quentes,
certo prenuncio d'auroral miragem!

« Amae-vos uns aos outros » disse o Christo!
E has de amar ó tranquilla formosura
em cujos seios o luar avisto!...

Não te envergonhes! porque o amor bemquisto
é de todas as forças da Natura...
— aquella que mais santa se tem visto!

NOIVA

A noiva lá vem surgindo,
qual modesta violeta.
Parece o Amor dormindo
nos braços de Julieta.

— No rosto que doce encanto!
— Que mago prazer translúz!
Poemas d'amor eu leio
feitos de beijos e luz.

OF MICHIGAN

ella triste e lacrimosa,
entre santa e feiticeira,
ha de lembrar-se, saudosa,
dos seus tempos de solteira!

Os teus seios, virgem pura,
que têem a mélica alvura
das noites d'almo luar...

são ondas de luz brilhante
que eu desejo, a cada instante,
beijar, beijar, e beijar...

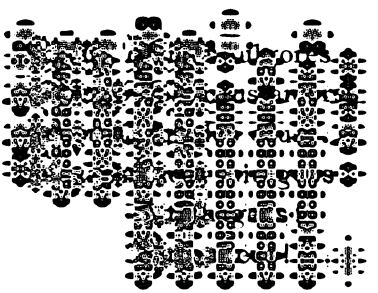
OF MICHIGAN

Inda hontem sorria o brejo
ao arfar da brisa. Hoje o beijo
d'uma orvalhada fatal...
inda hontem, sonhos d'alma,
hoje a calma
sepulchral!

Ah! Folhas, volvei á rama!
O triste arbusto vos chama
chorando na soledade...
os seus amores risonhos,
os seus sonhos
d'outra edade!...

Soluça o vento do outono.
Morre tudo ao abandono.
Dobra a haste a nivea flor...
e o sopro frio que a mata,
lhe arrebata
a doce côr!

TY OF MICHIGAN



[illegible]

[illegible]

[illegible] ma procissão

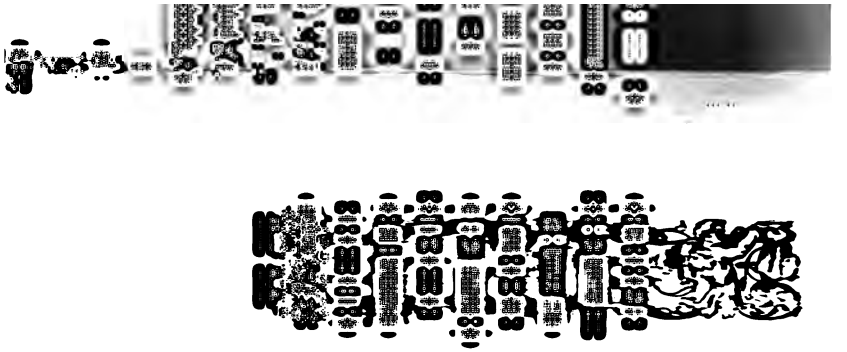
[illegible]

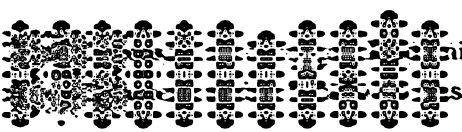
UNIVERSITY OF MICHIGAN

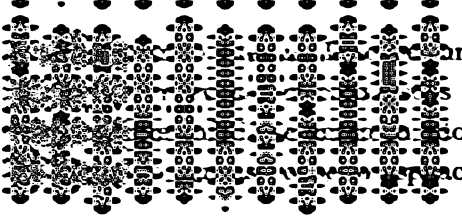
Calçaram-lhe as mãos dos anjos
sapatos, côr do luar,
e da côr da azul altura...
E os dedinhos dos archanjos
apertaram-lhe a cintura
com fitas da côr do mar.

Assim vestida... se encanta!
Parece mesmo uma Santa
que vencería um atheu...
De Santa Cecilia o côro
vibraria, na harpa d'ouro,
os doces carmes do céo...

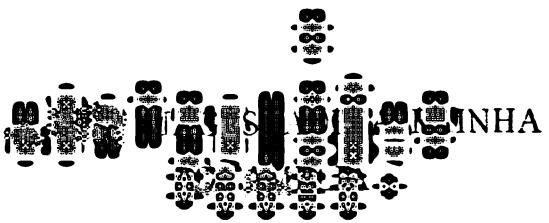
Se a visse assim pequenita,
mais leve do que uma fita,
com azas, na procissão...
assim vestida de anjinho,
par'cer-lhe-ía um passarinho,
voando rente do chão!

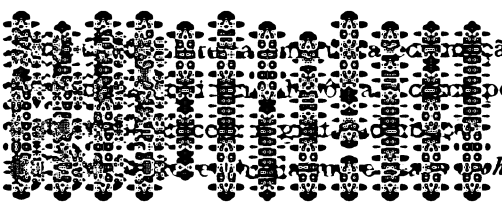


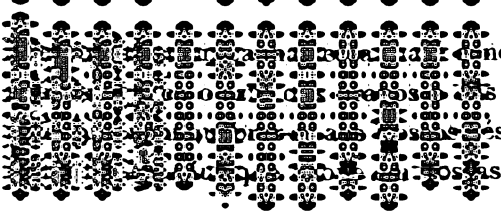




TY OF MICHIGA







TY OF MICHIGAN

A' LUZ DO LUAR

Vinha surgindo a lua enamorada,
qual sonhadora castellã pousada
em vetusto solar.
A terra involta na penumbra... e as rosas
desabrochavam frescas e viçosas,
em paisagem lunar.

Y OF MICHIGA

É n'estas horas tristes que o proscripto
manda no azul immenso do Infinito,
um carme para o céo...
E olhando a lua, esplendida e brilhante,
vê atravez da sua luz distante:
A patria em que nasceu!

UNIVERSITY OF MICHIGAN

FOGE!

Foge creança, ó forma angelical
Ai! Foge, que o amor que por ti sinto
é puro como a flôr, mas flôr fatal.
Fatal!... E sabe Deus se acaso minto!...

D'este affecto sagrado, intemeráto,
que em nossa alma floriu...
conserva esta r'liquia... o meu retrato.
E o destino maldiz que nos trahiu.

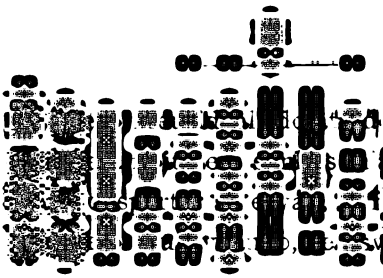
Y OF MICHIGAN

Assim, deixavas a Terra,
e a mentira que ella encerra
voando entre os cantares
onde o Bom Deus nos espera...
como uma folhinha d'hera
que o vento leva nos ares!...

*

Mas ha um Ser adorado
que te resguarda... E a seu lado,
beijando-a, tu chamas Mãe!
Eu, que a Ella devo tanto...
deixa que, n'este canto,
Minha... lhe chame tambem.

SITY OF MICHIGA

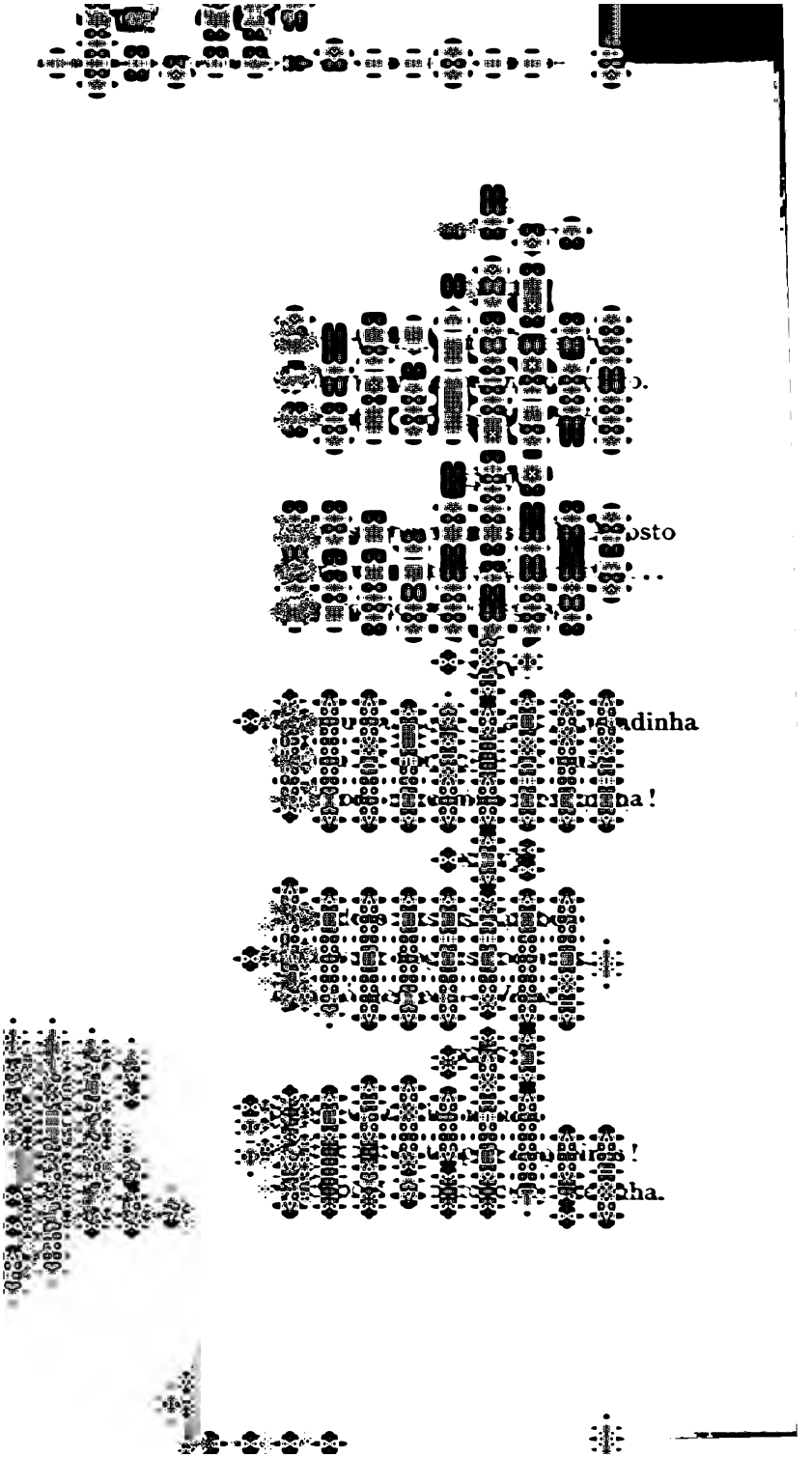


parece ! . . .
o azulado,
ece...

SITY OF MICHIGA

ERSITY OF MICHI

ERSITY OF MICHI



RSITY OF MICHIG

Canto a expressão que o lábio já quizéra
dizer na tenra edade...
mais as canções que minha mãe soubéra
cantar na mocidade...

Canto o rythmo sonóro das colmeias,
na sonorosa matta...
aonde Vênus appareceu a Eneas,
nua, entre a nêvoa apenas, que a recata!...

Canto o pulsar dos peitos juvenis
dos ledos namorados...
e o murmurio d'uns lábios virginaes
na sombra dos vallados...

Eu canto a essencia do vergel doirado
sob um docel de prata...
quando a lua desvenda o rosto airádo
de branca Traviáta...

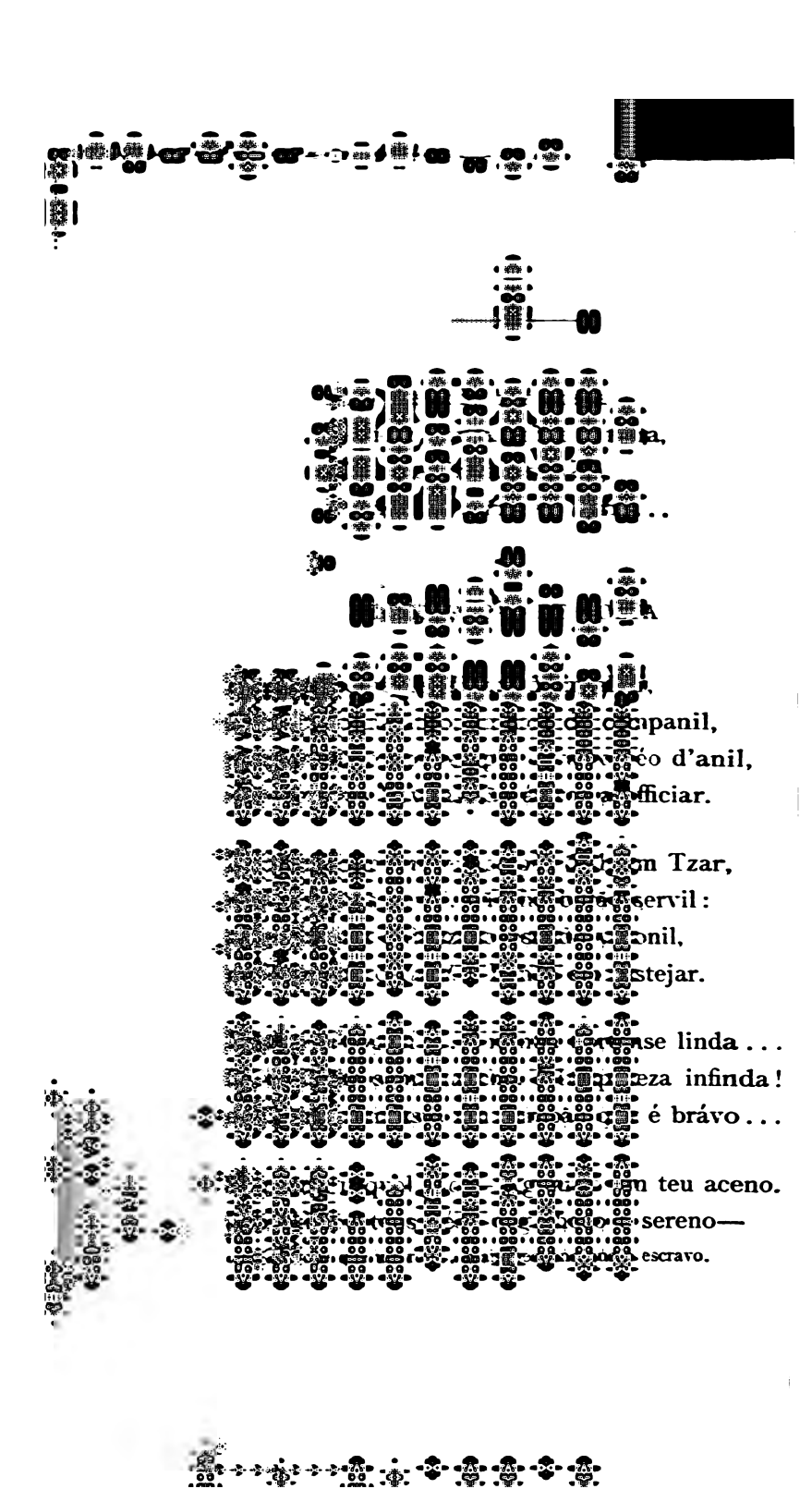
Canto os prantos da Dôr e os risos do Prazer,
e tudo que, no mundo, ao curvo Azul profundo
minha alma fáça erguer.

Poétas sois borboletas
nos jardins dos mil desejos,
serenos como os ascetas,
humildes como as violetas...
Sorrídes ás Julietas,
ao vago som dos harpejos . . .
Poétas sois borboletas
nos jardins dos mil desejos.

Cantaes as Virgens e as Flôres,
e brincaes como as creanças.
Acorreis ás turvas dôres,
e vôaes, como condores,
trovando hymnos d'amores,
enlevos das cousas mansas . . .
Cantaes as Virgens e as Flôres,
e brincaes como as creanças.

Assim foi Jesús na Ceia
trahído, pobre, enganado . . .
Tal o lyrio da Judea,
verde palma d'Idumea,
meigo sorriso de Dea,
sob um luar prateado...
Tal foi o Christo na Ceia,
trahído, pobre, enganado! . . .

TY OF MICHIG



UNIVERSITY OF MICHIGAN

RESPOSTA DA JÓVEN

Accúso a amavel dicção
do soneto em que me fez
rimáda declaração...

Alheia a vís sentimentos,
sinto hoje, a primeira vez,
que Amor dá grátos momentos...

E, com franqueza, lhe digo,
que, acedendo ao seu affecto,
um tal momento bemdigo...

Oxalá seu juramento
tão rendilhádo... e dilecto...
não se mude como o vento!

Acredito... sem receio...
que é véra a sua affeição
que aninharei no meu seio...

E em tróca do puro amor,
que me preita, aceite os vótos
da que o estima —

Leonor —

IDYLLIO

. . . Aurora ingenua desabrocha
Na candura do azul, como uma rosa enorme.

G. JUNQUEIRO.—*A Musa em Férias.*

Rompe a manhã purpurina
em jorros de luz divina
a symphonia da festa!
Mui de manso, os passarinhos
cantam á beira dos ninhos
na cathedral da floresta.

As macieiras floridas,
tão castas, inda em botão . . .
parecem virgens de branco
na primeira communhão.

O noviço rouxinol
ensaia a canção primeira,
cumprimentando El-Rei Sol
no ramo da laranjeira!...

ITY OF MICHIG

o orvalho se dependúra
dos toscos braços da cruz.
Oiçamos, pois, escondidos,
e occultos nos olivêdos
o que dizem, confundidos
os seus lábios... em segredos...

*
* *

— Eis-nos emfim, Leonor,
em fáce da Natureza
na presença do Senhor!...
— Do Senhor!?
— Pois com certeza!
Não creou elle o amor
mais a nativa belleza
que aqui nos cerca em redór?...
Não é verdade, querida?
Errei acaso, Leonor?...
Ah! se soubesses, mimosa,
esta vida angustiosa,
escripta com penna d'ais!...
Se escutasses, retirada,
o que eu, na sombra callada,
digo a Deus e a ninguem mais!...

Y OF MICHIGA

*

Rompia a manhã, rompia
por entre galhos nevados.
Que bello e azulino dia!
— Que dia para noivados!

*

— Affonso, como delíras!
Oh! Dize por que suspiras?
Que bem me faz teu anceio!...

— Suspiro só pela noite,
em cujo cerúleo seio
esta minh'alma se acoite!...
Suspiro pelos teus braços,
collar de prata nitente,
anceio por teus abraços
por esse cólo innocente!...
pelo manto casto e loiro
d'esses cabellos reaes,
pela catadúpa de oiro
d'essas tranças virginaes...

Y OF MICHIGAN

da

rada . . .

to ! . . .

. . . . . .

. . . . . .

CONFIDENCIA FILIAL DE LEONOR

im, quéro confessar-te ó Mãe, deusa que adóro!
m segredo subtíl que me dá pena e tédio.
'eccádo sobre o qual esterilmente chóro,
– que requér punição... mas talvez tem remedio!

Tu assústas-me, Leonor!
Por acaso o teu pudor...
mas não... mas não, por piedade!...
Tua falta é outra? É leve?
És candida qual pura neve
—E a Mãe sorriu com bondade.

Fálla!
— Ó Mãe, um sonhador,
de fronte plácida, calma,
conquistou-me a ingenua palma
de meu castissimo amor...

— Ai meu Deus!

— Era luar.
Chovia prata em redór,
quaes santas gottas de leite
d'um peito, um ástro, uma flôr...

am . . .

. . .

nasse !

. . .

ida!

o . . .

ITY OF MICHIGAN

—Tudo são fragilidades.
—Nada vos prejudica!
Mas o mundo aziágas dôres
nos traz em cada manhã...
São mágoas que ennúblam côres
da vossa quádra louçã.
Eu, não te quero noviça,
e muito menos p'ra freira...
quero que sôrvas inteira
uma ambrosía castiça,
e os gozos que o Amor só tem.
N'isto, ó filha, se resume
—todo um casto amor de mãe!

Deus te dê o seu perdão—que o meu já·tu o tens!
Se acaso o coração, nos seus fataes vaivens,
te segredar com certeza
que tu ságres com firmeza
amor a quem t'o sagrou:
Não pretendo amofinar-te!...
pódes ao eleito enlaçar-te
que a minha benção te dou!

Filha minha, acceita um beijo,
e que elle seja, querida,

no arco-iris d'essa vida,
fáxa azul do meu desejo!...
e este é... ser's venturosa,
alegre, pura, radiósa,
como uma Áza feliz,
que vôa panda no espaço.
Filha, dá-me um terno abraço!
— És a minha flôr de liz!

Mãe e filha entrelaçádas,
ás primeiras orvalhádas,
e ao tibio rubor da luz...
lembravam, rindo e chorando,
duas rôlas encruzando
seus vôos... na mesma cruz.

Ah! como é gracíl e bella,
a alma impolúta e singella,
qual barca que váe sem véla,
batida pela procella,
por sobre alteroso mar...
que, embóra queira, não anda
por que d'uma e d'outra banda,
o vento ríspido manda
— e quér a barca virar.

O AGONISAR D'UM ANJO

Foges-me tu, querida,
Ai!
Comtigo a minha vida
Vae.

A. DE CASTELLÕES.—*Beijos e Rosas.*

Sobre um leito brazonádo,
no seio da tristeza,
repousa estiolado
um anjo de belleza...
Anjo loiro que deve
adormecer no Empyrio,
fruir um somno leve
como na háste, o lyrio...
A luz de um candelábro
projécta sobre o leito,
o mortiço rosiclér
que lhe illumina o peito.
Viéra a morte cedo...
De pé, alguem vigia...
Aos uivos no arvoredo
solúça a ventanía.

UNIVERSITY OF MICHIGA

E os olhos lacrimosos
da pobre mãe dorída,
fitaram-se na Virgem,
— em seu painel florída.
Essa imagem da Senhora
pintada por Ticiano,
fôra um mimo que lhe déra
a *miss*, mestra de piano.
Quando a misera Leonor
os quinze annos completára,
com que alegria acceitára
gemma de tanto valor! . . .
Queria-lhe tanto a creança,
tinha em tal estimação
essa téla que admirava,
com fervente devoção. . .
que apenas vinha o inverno,
a quadra agreste e sombria,
nem assim faltavam flôres
— a essa téla de Maria. . .

*

Ouçamos agora a préce
da triste mãe de Leonor:

ITY OF MICHIGA

que qual régio manto d'oiro,
vestia toda a garganta...
collar de pedras doridas,
feito das mágoas soffridas,
e mais dos prantos finaes...
collar que a morte lhe deu
collar que leva pr'a o céu,
— collar de beijos e d'ais!...
A bocca, semi-cerrada,
tinha a tinta desmaiada
do jasmineiro ao luar...
e as mãos, nos seios liriaes,
eram pombas nos trigaes
pousadas a dormitar.
Nos olhos morrêra o sol:
Purpureas manchas de sangue
tingiam o alvo lençol...
e o corpo frio, gelado,
semi-nú, inerte, exangue,
no leito do seu noivado...
bem claro aos olhos mostrava,
que a luz da vida findava
detrás dos cerros da Dôr.

A mãe fitava Maria.
A Virgem Santa sorria...

— Morrera a doce Leonor.

NO CAMPO SANTO

Eu venho desfolhar na tua soledade,
junto á marmórea cruz — emblema do martyrio —
os goivos d'esta dôr, toda pranto e saudade,
n'esse teu corpo astral, com nervuras de lyrio.

Quem sabe se me vês ó flôr cedo ceifada!...
Quem sabe se me vês do azul na morada
dos anjos do Senhor?
Quem sabe se este mundo é a cadeia d'astros
que nos liga ao Infortunio—e onde todos de rastros
aspiramos ao Amor?...

Talvez que ajoelhada, e envolta entre as roupagens
dos anjos lyriaes...
tu péças ao Senhor me arranque a éstas paragens...
—dê conforto a meus ais!

UNIVERSITY OF MICHIGAN

Não me escutas talvez.—E porque não?... Talvez
seja longa a jornada.
E eu chego a acreditar que a Vida é um *entremez:*
e além da Vida infame... ah! não existe *nada!*

Christo d'infinda piedade!
Tu que penaste no hôrto,
sem o mais tenue conforto
p'ra remir a humanidade...

se qu'rias enaltecer
a quem tanto te fez mal,
ah! porque deixas pender
a margarida do val?...

Morta a ingenua casualina,
que floriu lá na collina
minha vida é sem sabôr...
paréce-me que a enxergo ainda, em seu trespasse,
ped'ndo a Ti Senhor que ainda a não levasse...
ainda a não roubasse
aos meus braços d'amor!

. . . . . .
. . . . . .

O poéta emudeceu.
E o esmaecido olhar como o clarão d'um cirio,
em torva cathedral,
teve um lampejo incerto... um clarão de delirio...
qual Tasso no hospital.

Sobre a cruz suspendendo os amádos cabellos
d'aquella que adorou,
d'aquella a quem a Morte, a Velha que tem zelos
dos noivádos felizes...
orou, gemeu baixinho, e a face desolada
sobre a campa gelada
pendeu, cahiu, baixou... nas ervas e raizes. —

Depois, cávo mysterio.
No algente cemiterio,
havia eterna paz... e mais dois infelizes.

Quando a fronte soergueu
da fria lápa funérea,
sua fáce mésta e séria
infundia acerbo dó...

UNIVERSITY OF MICHIGA

é que ali estava sósinha,
como rasteira hervasinha
ou lyrio pendido á chuva...
uma alma inerte e viuva
onde Deus escreveu — *Só*.

O DESENGANADO

— SEGUNDO CANTO —

I

No declive prazenteiro
d'um cerro altivo, escarpado,
ergue-se um gásto mosteiro
que habita um *desenganado*.

Ainda esbelto em seu talho,
a barba já brancas tem.
— Que nobre rosto cavádo!
— Nos lábios paira um desdem!

É um ermita solitario,
um coração desgostoso.
Que traz sob o escapulario?
— Um medalhão precioso.

Traz n'um medalhão doirado,
— ao pé d'uma loira trança —
retrato d'um rosto amádo,
junto a um perfil de creança.

Oh! Que harmonioso enlace!
Oh! Que risonha união!
— A mãe tem prantos na face.
— Mas ri a filha... em botão!

Oh! Que contráste nas dôres!
Que delicioso mystério!
— A mãe jaz n'um cemiterio.
— A filha *traquína* em flôres.

E o pobre ermita, ao vaivem
da sorte, pária da Esp'rança,
— chóra, ante o pranto da mãe!
— rí, ao riso da creança!

UNIVERSITY OF MICHIGA

E, já quando o sol declina,
e a noite cahindo vém,
por sobre a calma campina,
ou os olivêdos d'além...

quando o sino das ermidas
o povo chama á oração,
e as moçoilas vão, garridas,
pelo valle, em procissão...

quando as ovelhinhas mansas,
balindo pelos caminhos,
fazem tremer sobre as franças
os implúmes passarinhos...

o bom do monge dorído,
peregrinando em seu hôrto,
enxérga, junto aos cyprestes
a campa *d'alguem* que é morto...
Mas, se acaso o olhar espraia
vê retoiçar pela praia
uma creança... um confôrto!

II

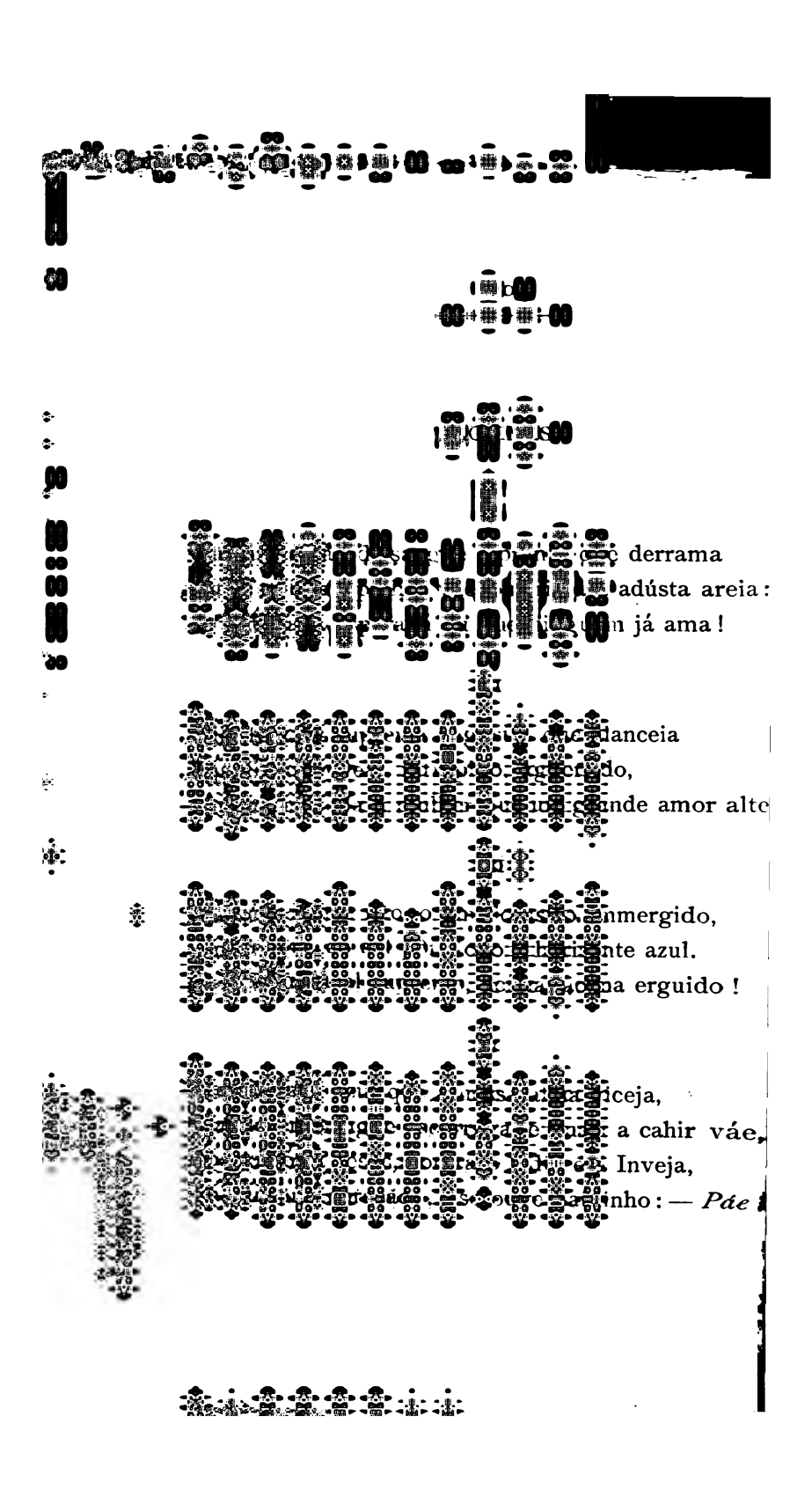
Então o rosto se alégra.
Rasga a nuvem sol de maio.
— Já não pia uma áve negra!
— Já não lásca o cédro o raio!

Já um sorriso deslisa
nos lábios do pobre páe.
Como canta meiga a brisa,
e o rio, cantando, váe!...

Como canta sobre a faia
em trílos, a cotovia!...
Como arrulha sobre a olaia
a rôlasinha macia!

Até o pacato cúco
afína tróvas d'amores.
— Silva o melro, esse malúco.
— E os espinheiros dão flôres.

TY OF MICHIG



RSITY OF MICHIGA

III

Quem é, portanto, esse ermita
que ampára o arbústo gentil,
rosto de loiras madeixas
que inspirára a um moiro queixas,
no seu queixoso arrabil?...
— Quem é a estátua de neve,
que o sol queimar não se atreve?
— Quem é essa flôr d'abril?

IV

Quem é o jasmim de prata,
que esse monge tanto acáta
como uma santa em seu nicho,
calçando fina alpercata,
de anneis nos dedos em fúso,
mas uns fúsos de marfim?...
— Eis fica o povo confúso.
— Quem é o branco jasmim!...

UNIVERSITY OF MICHIGAN

V

Crescida está!..., Tão mimosa
que faz lembrar fresca rosa
de Jericó ou Leví.
Que rosto tão insinuante!
Que talho esbelto, elegante!
— Será a Beatriz do Dante?
— É Margarida ou Mimí?

VI

Tem de todas o ár ingenuo...
Lembra uma planta mimosa,
trepadeira côr de rosa,
tecto de ermida que cáe...
É táboa de naufragado,
a quem perdeu toda a esp'rança,
tenrinho vime... creança...
que ao monge segréda: — *Páe!*

rrado
eita,
estreita,

enso,
nso...

augusto
e ignáro

anco,
o,

terno
érta,
érta,

itos,
entos,

TY OF MICHIGA

UNIVERSITY OF MICHIGAN

III

Jámais sahiu d'aldeia
o lyrio do ermitério!
De noite, á lua cheia,
lá váes, lá váes sereia,
da fonte ao cemiterio.

Quér's muito á tua aldeia,
—ó lyrio do ermitério?...

IV

Foi sempre solteirinha.
Ninguem quiz por seu par!
De preto e tão tristinha,
ó céos! por vida minha!
quando é que irás casar!...

Foi sempre solteirinha.
—Ninguem quiz por seu par.

V

Jámais seguiu a móda.
De negro só vestiu.
Ninguem a viu na póda,
nem nos bailes de róda,
cantando ao desafio.

Jámais seguiu a moda.
— De negro só vestiu.

VI

Váe cantar rapariga,
nos bailes, ao luar! . . .
Canta tróva ou cantiga,
bem terna ou bem antiga,
aos moços do lugar.

Váe cantar rapariga,
— nos bailes, ao luar! ..

VII

Mas ella entre os cyprestes
géme na campa: — Páe!
Sempre de negras vestes,
estende as mãos celestes,
e um dia arqueja, cáe...

Rolou entre os cyprestes.
Baixinho disse: — *Páe!*

FIM

5 0630

DO NOT REMOV
OR
KEEP THE CARD